



Nota da quinzena

É ainda a da quinzena passada a matéria que motiva esta Nota. Depois da conclusão optimista de que «os casos verdadeiramente maus (de crianças em risco) são poucos, menos até do que seria de esperar», proferida pela Técnica da Segurança Social, relata a *Jornalista do Público*: «Mas também foi adiantando que cerca de três mil destes menores (dos “catorze mil espalhados por cerca de 250 Instituições por todo o País”) têm mais de 12 anos. E quanto mais velhos, mais difícil se torna o seu regresso a casa».

Porquê?... Se «em casa» se modificaram as condições de vida que por ventura levaram a criança a ingressar numa Instituição e reina agora a suficiência, a estabilidade afectiva, a segurança de um futuro, em suma, a normalidade da Instituição Familiar — porque razão se torna mais difícil o regresso da criança, agora adolescente?

Neste mundo de quantificações e qualificações, de que se fazem levantamentos tão prontos e esclarecedores, gostava de saber quantas famílias apresentadas como **disfuncionais** na hora de empontar meninas e meninos às Instituições, se tornaram, entretanto, **funcionais**. Quantos progenitores de

então se converteram em pai e mãe e são agora capazes de paternidade e maternidade responsável e eficiente de um projecto de vida para os seus filhos.

Será porque desgraçadamente é rara, raríssima, esta conversão, é que «se torna mais difícil o regresso a casa, quando os filhos têm mais de 12 anos»?...

E ainda mais difícil do que este regresso é o ingresso em Instituições nestas idades de crise e depois de um viver ao deus-dará com todo o peso negativo de um passado que não é longo em número de anos, mas pela relatividade do tempo na infância e juventude. Apesar do «desinstitucionalizar progressivamente os menores seja prioridade deste Governo», nós vemo-nos cercados por pedidos de **institucionalização** de menores nestas idades **tardias** e dói-nos cruelmente não lhes podermos valer porquanto a **experiência** nos ensinou que só resulta se forem eles próprios, os adolescentes, desiludidos do seu viver sem normas, sem referências, a **quererem libertar-se** dessa vida ainda que pelo preço de se **prenderem** a regras e deveres que intuem nebulosamente. Isto supõe neles uma maturidade, exige deles uma vontade e perseve-

rança tão fortes — que temos de reconhecer que é muito difícil e rara.

O princípio da desinstitucionalização é racional e digno se se integrar numa visão global da Família. É que os problemas destas crianças e jovens reflectem e são consequência de desvios a montante delas. Sempre haverá casos de desviâncias delas, mas esses, «verdadeiramente maus», seriam, sim, poucos, se a Família e a Sociedade em geral não andassem tão **disfuncionais**.

A **globalidade** é, hoje, um chavão no mundo da Economia e da Política. Quem dera o fosse, primeiro, na área do humano, dos valores fundamentais para o homem! O homem precisa de ser amado; e, de o ser, aprenderá a amar. Para a criança esta realidade começa por ser quase exclusiva. O peito que a amamenta não é apenas fonte

de alimento. Talvez ainda mais o fundamento e a demonstração de um amor que lhe é devido e está para a servir. Não se brinque com elas, mesmo que em nome de princípios certos. Família, não é um mero nome; é um ser vivo; tem de sê-lo para ser fonte de vida.

Se em vez de um nascimento, querido pela vontade e pelo coração, uma criança teve a desventura de ser um caso de procriação, restitua-se-lhe, o mais depressa possível, a dignidade de um berço sobre o qual alguém se debruce amorosamente.

Pois a adopção...! Pois alguém da «família alargada» que a guarde e guie para sempre, nas horas boas e más...! Pois uma Instituição consciente do dever de ser Família para quem nasceu na desgraça de a não ter capaz das exigências desse nome, nem expectativas de vir a tê-la na linha do sangue...!

Este, me parece, o ideário de um Estado que se não arrogue de Providência e seja, quanto baste, providente.

Padre Carlos

BENGUELA

Enquanto se mata e destrói havemos de continuar a trabalhar

ONTEM passaram dois senhores pela nossa Casa. Um, angolano, com curso de engenharia. Outro, americano, de regresso à sua terra, depois de algum tempo ao serviço duma or-

ganização americana não governamental. Conversámos tempo suficiente para terem uma ideia do que é a nossa vida. Depois, vieram. No fim, confessaram a sua admiração pelo que estava a ser feito. Agradei e, em

silêncio, falei da gotinha d'água no oceano que parece não ter fim.

Nestes encontros e nestas conversas, há uma pergunta quase «sacramental»: — *Donde vos vem o dinheiro?* Sim, que isto não se pode fazer sem dinheiro. Respondi com uma boa dose de entusiasmo, pois o dinheiro não nos vem de nenhuma organização, nem do Estado: vem do Povo de Portugal; Povo anónimo e conhecido; de todas as classes sociais. Insisti nesta maravilha: O carinho dado à Obra da Rua em Portugal é repartido pela Obra da Rua em Angola ou em Moçambique. É o amor universal. Pai Américo viveu e fez passar a mensagem do amor universal. É o verdadeiro. É o evangélico.

Um *flash* — Ao descer as escadas que dão para a varanda, onde estou a escrever estas notas, deparo com uma cena muito linda, mesmo em frente: Duas filas de crianças, parte delas na primeira fase da primeira infância, em número de cin-

Malanje

25/03/99

Corpo desfeito

O corpo desfeito pela bomba coube num saquinho de plástico! A pobre mãe, já sem gritos e sem voz, simplesmente gestos de dor, foi com ele pingando sangue! Ficaram no asfalto pingos castanhos, sinal dos passos dolorosos...

Sem caixão nem preces, somente uma pequena cova lá no cemitério do bairro, sem muros nem cruzeiros!

Todos os dias estas cenas que a televisão não mostra. Não devemos esconder a dor e tragédia dum Povo.

O Dalito

31/03/99

DALITO veio a pedido do médico para se restabelecer. Saído duma tuberculose, ficou tão fraquinho que mesmo para andar precisava de amparo.

«Só um mês depois, eu próprio o levarei à família.» Sorri à boa vontade deste doutor italiano...

Hoje, o Dalito é uma criança normal, corre e brinca! Ninguém lhe diga que tem de ir para a família...

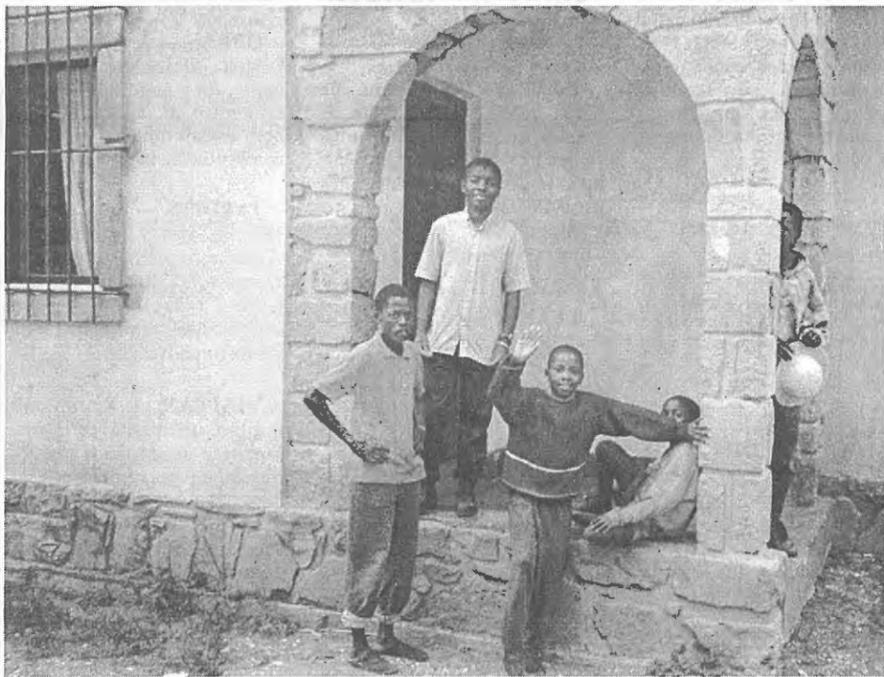
«Se eu for, vou morrer.» Procuo esquecer porque sei que é verdade.

02/04/99

Meta a atingir

HÁ muito que respirávamos um ambiente de paz relativamente a roubos e aventuras dos nossos rapazes. Acabou com o nosso tractor novo enroscado numa árvore...

Continua na página 4



Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

IDOSOS — Recentemente, uma investigadora universitária lembrou aos participantes de uma reunião plenária da Comissão Nacional Justiça e Paz que, «em 2010, Portugal terá tantos habitantes com mais de 65 anos como pessoas com menos de 15 anos. Isto equivale a que haja, então, mais avós e bisavós do que netos e bisnetos».

A Comissão Nacional Justiça e Paz — organização de leigos cristãos — «considera que não há medidas visíveis para comemorar o presente Ano Internacional da Pessoa Idosa, nomeadamente através de alertas lançados à consciência dos cidadãos sobre as questões que se colocam a uma sociedade com um número crescente da sua população a pertencer à terceira e quarta idades».

Segundo um responsável da dita CNJP «a falta de valorização da velhice deve-se também ao facto de tudo o que se lhe retira 'não ser um discurso politicamente correcto'. O recurso crescente a Lares é descrito como 'betonização da velhice', considera aquela entidade. O Estado favorece a política do internamento e não apenas através dos apoios que concede às instituições! Se uma família resolve pôr um ascendente num Lar, pode deduzir 58 contos à colecta, mas se optar por mantê-lo em casa, apenas poderá deduzir 18 contos!...»

Além dos dados que a Comissão Nacional Justiça e Paz fornece à opinião pública, refere também as «pensões degradadas, o que o idoso português sofre com a solidão, e a carência de apoios como hospitais de reclusão ou outras instituições geriátricas».

PARTILHA — Assinante 57002, da Senhora da Hora:

«Continuamos a viver o tempo pascal e penso não só neste tempo, mas em todos os dias da nossa vida temos de nos lembrar dos Pobres que precisam da nossa ajuda, mesmo insignificante, que deve ser dada com amor. É com muito carinho pelos que sofrem que envio esta pequena migalha (15.000\$00) para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, que poderão aplicar como melhor entenderem.»

Dez mil, de Manuel, de Negrelos, «por alma do tio e pelos pais e avós».

Assinante 32925, da Guarda, cinco mil, «para os Pobres, por uma intenção particular».

O grupo de senhoras da freguesia de Bom Sucesso, de Aveiro, esteve cá e deixou para

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Abril,
65.900 exemplares.

os nossos Pobres uma quete de 11.300\$00. Até sempre!

A habitual «contribuição, referente ao mês de Abril», pela mão da assinante 14493, do Porto: 15.000\$00.

Uma oferta, muito oportuna, dum assinante de Cavada de Rossas — Arouca.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

SETÚBAL

PÁSCOA — Todos os anos passamos, assim, a nossa Semana Santa:

No Domingo de Ramos fazemos uma procissão muito bonita à frente da Casa. Na Quinta e Sexta-Feira Santa é a Missa da Ceia do Senhor, o Lava-Pés e a leitura da Paixão de Cristo (que são celebrações muito comoventes); e, à noite, a Via Sacra, desde os Bregos do Assa até Algeruz. No Domingo de Páscoa já é tempo de festa, a capela está toda arranjada com muitas flores bonitas e nós cantamos com outra vontade. O resto do dia é só brincar e comer coisas boas.

Filipe André

ORDENHA — Neste tempo estamos a ter mais produção de leite, porque agora há pouco gado seco e as pastagens estão melhores.

Assim, é que a gente gosta mais de ver as vacas: a dar muito leite! Há dias em que até passa dos mil e duzentos litros! É o primeiro ano que elas dão tanto leite.

VENDA — No domingo foram embora três vacas portuguesas e uma canadiana. Nós vendemos as vacas porque elas não pegavam e estavam secas. São só para aproveitar a carne.

E eram lindas porque estavam bem gordas!

O pessoal ficou triste e houve gaiatos que até choraram, por as vacas deles irem embora.

É sempre assim quando nós vendemos gado, ou quando o mandamos abater para comermos carne tenrinha de que a gente gosta muito!

José Vinagre

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Todas as quinzenas reunimos para relatarmos as nossas visitas e dialogarmos como devemos resolver os casos mais complicados que deparamos no dia-a-dia. Por vezes, sentimo-nos desarmados porque as carências são muitas e a burocracia no País é grande.

Alguns, lamentam-se da vida que têm, dizendo que foram

bafejados pela pouca sorte; outros, dão graças a Deus que vão tendo alguma coisa para poderem sobreviver.

Neste momento, a jovem mãe está desempregada. A empresa não pagava os salários e, depois, mandou o pessoal embora sem lhes reembolsar o que devia. O bebé está lindo e com saúde. O pai da criança ainda não se decidiu a trabalhar para ajudar no sustento do filho. O que lhes vale é que os pais da rapariga ajudam, mas já lhe disseram que para o bebé nada faltará, mas têm que se virar ao trabalho e daremos o nosso apoio. Vamos aguardar no que isto vai dar.

Visitamos outra família, tia e sobrinho. Ela, muito doente, recebe uma miséria de reforma mínima que mal chega para os medicamentos e o alimento. O sobrinho, rapaz novo, mas muito franzino e também muito doente dos pulmões e estômago. Diariamente tem de tomar uma medicação que além de ser comparticipada pela Caixa é uma fortuna para o dinheiro que recebe do rendimento mínimo — um nicho para pagar os remédios e alimentação. É uma família muito pobre que nos mete dó todas as vezes que os visitamos. Vivem num quarto miserável e já pediram casa à Junta de Freguesia. A assistente social ficou de lhes tratar do assunto, mas até hoje nada foi feito.

Sabemos que as carências são muitas neste País, mas se houvesse mais fiscalização nas casas camarárias, muitas delas estão fechadas e sem ninguém, poderiam albergar muitas famílias.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — J.R.D., dois mil escudos. M.M., dez mil escudos. Assinante 17991, vinte e cinco mil escudos.

Bem hajam.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

PAÇO DE SOUSA

VISITANTES — Aqui, na nossa Aldeia, como sempre, as visitas de escolas são muito frequentes. Neste tempo, centenas de jovens passam pela Casa do Gaiato.

Assim continuará no mês de Maio.

TEMPO — Como diz o ditado: em Abril águas mil. Muito tem chovido, e a chuva é precisa para a agricultura e para as barragens.

Por causa dela e do vento caiu uma árvore da nossa Aldeia, talvez fosse uma das maiores. Por sorte, ninguém estava perto, mas fez alguns estragos no refeitório; telhas quebradas pelos ramos e o fio do telefone também caiu. Contudo, ninguém se aleiou.

HORAS LIVRES — Já começou o tempo dos berlindes! Agora, sempre que haja

Festas

Setúbal

NA vida de agora pomos a vida de ontem. A nossa Festa é um espelho de ambas. O David conta, declamando, a história verdadeira dum irmão:

Poema — A Criança da Rua

Era um temporal horrendo a noite em que nasci. Densas trevas se dilataram antes de mim, pelo menos duas gerações. Duraram décadas até que timidamente aparecesse a aurora!...

Foi tão cerrado e tão longo esse tempo da minha ascendência que ainda se prolongou seis anos após o meu começo.

A mulher que me trouxe no ventre ficou sem mãe quando era ainda pequenina. Assim, a órfã caiu no encargo da sua avó.

Não teve escola nem os cuidados normalmente concedidos às crianças da sua idade e da sua aldeia.

Foi uma infância sem sonhos, sem brinquedos nem companhias. Os passarinhos não cantaram nem as plantas floriram. O sol não nasceu.

Nem jardins nem regatos, nada criou poesia e beleza da sua alma tenrinha.

Um tremendo furacão, soprando em todas as direcções, arrasou totalmente o resto dos germens inocentes da sua afectividade, sensibilidade e personalidades femininas: O pai violou-a aos doze anos.

Todas as etapas da sua maturidade afectiva se queimaram abrupta e miseravelmente!

Uma devastação medonha assolou aquele coração de menina.

Aos 14 anos fugiu para Lisboa com um homem qualquer e lá viveu como um animal na selva, desamparada de tudo e de todos, vindo a cair nas imensas e horríveis malhas da prostituição. Nela gerou dois filhos sem pai, os quais são meus irmãos mais velhos.

Passados cinco anos, ao acaso, sem que ninguém me desejasse, sem alegria, vim ao mundo como um excremento que atrapalha a humanidade.

Cedo foi trocada a minha relação maternal pela de várias amas mercenárias, pagas com o dinheiro que minha mãe arranjava, vendendo o próprio corpo.

A fome, o frio, as doenças e os maus tratos marcaram a minha meninice. O desequilíbrio inevitável em tais circunstâncias fizeram de mim uma criança repelente.

No submundo em que vegeta, minha pobre e miserável mãe contraíu sida!...

Por lá anda! Contratada para viver, contamina quantos a usam nessa escravatura, contra a qual ninguém se levanta e que é a vergonha do nosso tempo e a clara denúncia da falsidade da nossa cultura: a prostituição!

Criança agora, amanhã serei adolescente, jovem, adulto.

Na Casa do Gaiato, a minha Casa, encontrei a luz que me faltava e o amor que jamais havia sentido.

Uma esperança forte me inunda a alma!... Aleluia, Aleluia!... Amanhã cruzar-me-ei contigo na vida e... ver-me-ás um homem.

Padre Aclio

8 de Maio — 21.30 h, Incrível Almadense, ALMADA.

15 de Maio — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Palmelense «Os Loureiros», PALMELA.

16 de Maio — 16.00 h, Salão Paroquial, MONTIJO.

22 de Maio — 21.30 h, Auditório da Anunciada, Rua Alves da Silva, 41 — SETÚBAL

5 de Junho — 21.30 h, Escola Salesiana do ESTORIL, CASCAIS.

12 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Operária Amorense, AMORA.

19 de Junho — 21.30 h, Grupo Desportivo de SESIMBRA.

25 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense, AZEITÃO.

Lisboa

8 de Maio — Sábado, 15.30 h, Cine-Teatro de LOURES.

16 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de TORRES VEDRAS.

23 de Maio — Domingo, Salão da Igreja Paroquial da Encarnação — MAFRA.

30 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja de RIO DE MOURO.

3 de Junho — Corpo de Deus, 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de FANHÕES.

6 de Junho — Domingo, 15.30 h, Cine 359 da LOURINHÃ.

Coimbra

9 de Maio — 21.30 h, Cine-Teatro da LOUSÃ.

14 de Maio — 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários da MEALHADA.

15 de Maio — 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de CANTANHEDE.

16 de Maio — 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de ANADIA.

21 de Maio — 21.30 h, Cine-Teatro de ARGANIL.

22 de Maio — 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de TOMAR.

23 de Maio — 15.30 h, Teatro Académico Gil Vicente, em COIMBRA.

29 de Maio — 21.30 h, no Salão da Casa do Povo de MIRA

30 de Maio — 15.30 h, Casino da FIGUEIRA DA FOZ.

5 de Junho — 21.30 h, Cine-Teatro Aveirense, AVEIRO.

10 de Junho — 15.30 h, Auditório do Instituto da Juventude, CASTELO BRANCO.

11 de Junho — 21.30 h, Cine-Teatro da COVILHÃ.

Arnaldo Santos

uma hora vaga os rapazes jogam o berlinde no parque ou no campo de jogos. Até há já buracos por todo o lado... Ganhe o que tiver mais sorte.

Rui Manuel Silva

TOJAL

FESTAS — Durante o ano os nossos Amigos vêm até nós, e aproveitamos a oportunidade para sermos nós a irmos junto deles.

Já nos encontramos na estrada. As nossas Festas têm corrido bem.

OBRAS — A maior parte do Palácio já está terminada. Primeiro, foi a parte sul. Depois, a do centro. E, agora, também bem encaminhada, está a ser reconstruída a parte norte.

JARDINS — Com a Primavera chegou a altura de nos dedicarmos um pouco mais aos canteiros. Já plantámos muitas flores, principalmente nos extremos da rua principal o que lhe dá um novo visual.

VISITAS — Recebemos muitas, ultimamente. Um, repartem connosco o almoço; outras, a merenda; outras, ainda, suas alegrias e tristezas.

Muitas das visitas são de escolas, alunos que vêm com curiosidade de conhecer o nosso quotidiano.

É bom sentirmos que temos Amigos que se preocupam connosco e com os nossos problemas.



Os pedreiros constroem a casa-mãe

Para a história

EM 20 de Abril de 1943 Pai Américo assinou o Auto de Entrega da antiga Casa Pia e da cerca do antigo Mosteiro Beneditino de Paço de Sousa, vindo a tomar posse, de facto, a 24 de Abril, para concretizar um sonho que trazia no peito: a construção duma Aldeia de Rapazes.

No dia 27 de Abril dá início à construção das primeiras moradias. Os primeiros gaiatos, oriundos da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, chegam a 31 de Maio; e a segunda leva, a 16 de Agosto de 1943. Ficaram instalados nas ruínas do Convento remendadas para habitação provisória.

Passamos a palavra a Pai Américo, para se avaliar o calor que dava à realização desta grandiosa obra — na vigência da II Guerra Mundial:

Aldeia de Rapazes

«A Casa do Gaiato do Porto é uma Aldeia de Rapazes sita na freguesia de Paço de Sousa, a trinta quilómetros da cidade do Porto. Nós temos que defender a Criança abandonada de todos os males da alma e como a rua é o maior de todos, procuramos instalações distantes dos grandes centros. A Aldeia é erguida dentro da cerca do antigo Convento Beneditino, que fez durante séculos a história daquelas terras e entra agora em novo capítulo.

São dezoito moradias para sete, doze e dezassete rapazes

cada uma. Por economia de tectos, estas dezoito habitações são feitas em nove edifícios com rés-do-chão e primeiro andar, sendo as entradas por lados opostos, para assim existir rigorosa independência e cada família ter a sua casa.

Dentro, existem sala de família, rouparia, arrumos, retretes. Existe o quarto do pequenino vigilante com vista para os aposentos dos pequeninos vigiados. Cozinha e balneários são comuns.

Se pudéssemos dispor de fundos, havíamos de dar a cada uma das casas lareira acesa e comida feita. Não pode ser. Contudo, os núcleos de cada uma das habitações têm no refeitório lugar marcado, por famílias. O mesmo se diz nos trabalhos domésticos, na escola, nas oficinas, de sorte que onde quer que estejam, não são bandos de rapazes, são pequenas famílias.

A ideia de casas independentes...

A ideia de casas independentes, às avessas de tudo quanto ordinariamente se tem feito em Obras congêneres, não é de forma alguma um apurar de raças, antes um formar de consciência. Mais facilidades de conhecer, de amparar, de corrigir. Tratamos aqui as doenças da alma, como nos hospitais, em pavilhões, se tratam as do corpo.

O pequenino vigilante das casas, a que poderíamos chamar o Pai, é um de entre os raros que aparecem, com qualidades de ser querido e obedecido. Todo o trabalho dos orientadores está justamente em escolher e formar os chefes.

Há a casa-mãe; há o edifício-escola; o edifício-oficinas; campo de jogos; piscina; balneário; enfermaria; capela; grande refeitório para duzentos e cinquenta, com salas de recreio no primeiro andar.

O Convento de Paço de Sousa, hoje Casa do Gaiato, foi uma Fundação que esteve até ao ano de 1918 nas mãos de uma comissão local, data em que a Junta Distrital do Porto tomou conta. Sucedeu-lhe a Junta do Douro Litoral que o abandonou em 1939, após um incêndio. Em Março de 1943, o Governador Civil do Porto faz um estatuto pelo qual o Convento e cerca são entregues à Casa do Gaiato do Porto, criada no mesmo instrumento.

Verificou-se, antes deste passo, que a propriedade não era da Junta nem património do Estado: era da Fundação.

Tomámos posse a 24 de Abril daquele ano e três dias depois começámos a demolir, para construir. Houve protestos e reparos: — Porque não se aproveita o que está?

Na verdade, aproveitar o que está, tem sido norma de quase todos os estabelecimentos de educação da Criança abandonada.

A própria Junta tinha já em mãos um projecto de reedificação do Convento para o mesmo fim, que era um total aproveitamento. Não é zelar o interesse da Criança nem da Nação. É deitar remendos em pano velho, por preguiça de fazer novo!

... com um alpendre de verdura

As casas de família têm todas um alpendre de verdura e nas janelas cachorros para o vaso de flores. Procurou-se beleza e sobriedade; são casas de habitação e educação. Não podemos ir para a casa-berloque; para o irreal; para a fantasia. O pequenino tem que construir-se dentro destas construções; a verdade deve andar à toa; ele dá fé.

Queremos que o miúdo veja, que apalpe, que compreenda. Que não encontre nada de novo quando tiver que sair de casa para a vida. Miragens, não. Objectividade.

O feliz habitante da Aldeia dos Gaiatos tem o seu jardim fora da casa e cada casa tem o seu. Ele semeia, planta, rega, colhe, dispõe nos vasos as flores de lhe mais gosta, onde e melhor lhe parece. O Rapaz cria amor; interessa-se pela

O edifício das escolas contém cinco salas adequadas para outras tantas classes de ensino primário. O Ministro da Educação Nacional criou cinco escolas e nomeia para elas outros tantos professores, mediante a nossa escolha. O edifício também dispõe de gabinetes e mais dependências para ensino complementar: luzes de comércio, indústria, agricultura. Não se pretende formar doutores, mas temos obrigação de abrir as portas aos nossos rapazes. Não são eles que devem trabalhar para nós, antes nós para eles.

A disciplina é dos Rapazes

As artes e ofícios têm seu edifício à parte. Rés-do-chão, artes pesadas. Primeiro andar, leves. Enquanto não há mestres de casa temos de nos remediar com pessoal assalariado. Este, porém, só dá a parte técnica; a disciplina é dos Rapazes. Casa deles, para eles, por eles. Enfermaria modesta. Capela piedosa. Balneários discretos. Piscina ampla. Campo de jogos na marca.

Temos uma quinta de algumas dezenas de hectares — a nossa imensa riqueza. Quando

O Garoto da rua ama o Infinito

O Garoto da rua gosta da imensidade: ama o Infinito. Deleita-se a berrar e a encontrar o eco. A nossa mata é soberba para o que ele quer. Eles berram de lá para os campos; os dos campos respondem para a mata. O trabalho é prazer que jamais experimentaram, cansados de vadiar!

Conduzem o gado a pastos, nos nossos campos, campos deles, não sem haver tremenda questão à porta dos estábulos, enquanto enfiam as sogas nas pontas.

Cada um tem o seu boi e a sua vaca. — Eh pá, olha que esse boi é meu! E seguem todos em bicha, alegres, contentes, a falar ao seu boi e à sua vaca nomes carinhosos, eles, que até ali só tinham o palavrão!»

(In Boletim da Assistência Social, n.º 10, Dezembro de 1943)

Aqui fica essa memória nos 56 anos desta Aldeia de Obras da Rua, cupuja Aldeia de Rapazes — única em Portugal — serviu de norma às restantes Casas do Gaiato.



A capela e a casa-mãe

sua casa. Educa-se. Possui-se. A verdade, onde quer que se encontre, revela e revoluciona.

Não se pretende formar doutores

A casa-mãe é uma admirável criação do arquitecto. Dispõe-se a receber no rés-do-chão o pessoal feminino e os orientadores, no primeiro andar. Tem um refeitório para cem pessoas, em serviço provisório, até que seja construído o edifício próprio.

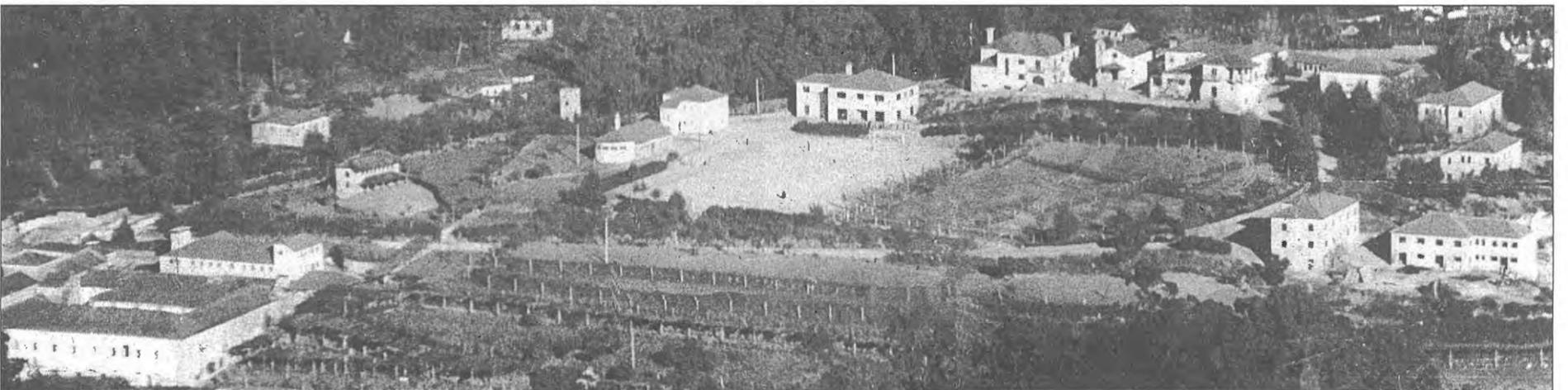
a Junta Distrital tomou posse, andava ela nas mãos de rendeiros.

A Junta do Douro Litoral, sucessora daquela, nada alterou; deita-se fora o são e guarda-se o que não presta!

Nós trabalhamos todos os palmos da nossa quinta e olhamos para ela como fonte perene de alegria, de receita, de educação.

Sobretudo, como remédio para a alma dos nossos pequeninos vadios, doentes do cheiro das ruas, pelo bem que faz e pouco custa a tomar.

Júlio Mendes



A beleza da nossa Aldeia!

Benguela

Continuação da página 1

quenta, com os vestidos limpos e os cabelitos penteados, vão para debaixo das mangueiras, acompanhados por três meninas. São as filhas das mães trabalhadoras em nossa quinta. Em vez de andarem ao sol, às costas das mães, ou ficarem no pó, abandonadas, são entretidas de maneira educativa, por algumas horas. A Eugénia, educadora social, a fazer o seu estágio de fim de curso, em nossa Casa, coordena esta acção tão simples e à dimensão desta comunidade. São projectos pequeninos, sem papéis e outra burocracias, mas verdadeiros e eficazes. A nossa Teresa é a grande animadora.

As transformações sociais, seguras e benéficas, não se fazem aos saltos. Fazem-se ao ritmo natural, adequadas ao meio ambiente onde se processam, sem passar por cima da riqueza cultural em cada grupo. É um trabalho de paciência e muito amor.

Ainda dentro do mesmo assunto: A Susana foi, mas deixou continuadoras. O curso que está a ser dado às mães, curso de higiene e saúde básicas, continua com muito interesse. Outro projecto pequenino, mas dum impacto tão importante na vida social! A nossa Casa quer irradiar o bem até onde for possível. Enquanto se mata e destrói, mais além, dentro de Angola, havemos de continuar a trabalhar com o resto que será o alicerce duma Angola nova.

A escola está a funcionar. O material escolar que nos chega tem sabor a diamantes. Há tempos, recebi, pelo correio, uma embalagem muito simpática duma amiga, assinante d'O GAIATO, contendo lápis. Susete, ainda não lhe respondi, mas recebemos. Gostei da mensagem que nos mandou: «Não

sou africana e nunca fui a África, mas o amor pelos irmãos deve ser universal». O correio é muito lento, mas funciona.

Outra mensagem que nos chega do Canadá: «... A verdade é que tendo Angola no coração, trabalhei, aí, desde 1959 a 1962, pensei que haverá mais necessidade aí do que em Portugal. Que seja pelos meus defuntos. Que Deus traga paz a esse tão grande país». Obrigado, Adelino, pelo chego que nos mandou.

Temos que ser profissionais do amor. Para isso tenho muito que aprender. Ontem, por exemplo, à saída para a cidade, vem ao meu encontro uma senhora com um bebé muito doente. Vi. Agarrei os dois e fomos direitinhos ao hospital. O bebé ficou internado e a receita veio parar às minhas mãos. Depois de aviada, entreguei-a à senhora que foi a correr, eu vi, para o hospital. Mas... Qual é o meu espanto quando, na manhã seguinte, sou procurado, em casa, por alguém da família do bebé, a pedir-me a receita, que a criança estava muito mal. O que tinha acontecido? Os remédios comprados, em vez de chegarem ao hospital e ao bebé, foram vendidos pelo caminho. Eis. Tenho que aprender na escola do bem servir para acertar ainda melhor. Não estou desanimado, por isso. É um indicador da situação que se está a viver. Dias antes, uma pobre mulher veio pedir-me dinheiro para fazer uma operação à vista. E mostrou-me a receita. Ao convidá-la a ir comigo para falar no consultório da cidade, diz-me, baixinho: — *Senhor padre, não é verdade; era só para ver se me dava algum dinheiro.*

Hei-de continuar a aprender mais para servir cada vez melhor.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

Não são as ocasiões que fazem o homem, mas revelam-no.

PAI AMÉRICO

TRIBUNA DE COIMBRA

Evocação pascal

DOMINGO do Bom Pastor. É uma evocação pascal de Jesus Cristo, cheia de encanto e portadora de múltiplas interpelações. A alma humana guarda nas suas profundidades, com enlevo, a memória dessa actividade primordial. A alma bíblica referencia-a a cada passo da sua experiência de fé: «O Senhor é meu Pastor — nada me faltará». E quando a ostentação e a riqueza surgem, sufocando a liberdade e ofuscando os verdadeiros valores, vem a saudade do deserto; esse tempo de noivado e sedução. Tempo da mais bela experiência de Deus Pastor do Seu Povo. Ninguém o soube sonhar com tanto enlevo como o fizeram os Profetas.

É urgente voltar à planície. Parar e contemplar. A alma humana corre o risco de ser devorada por lobos bem disfarçados. A mansidão e a capacidade de encantamento estão cedendo à desconfiança neurótica e à apetência pelo horrível. Há ravinas tenebrosas que se escondem docemente na cultura dominante.

São precisos pastores! Mais pastores. O grito de Cristo ecoa lancinante: «Tenho dó desta multi-

dão...». Mas a escola não pode ser outra: a contemplação do Homem das dores e das dores dos homens. Pai Américo foi permanentemente seduzido por esta contemplação, vivendo deste modo a verdadeira vocação do homem, sem cedências nem reducionismos. Quanto poderemos aprender da sua atitude pastoral...! Quantos dos seus reparos, em maté-

ria social, continuam por escutar ainda, apesar de tantas revoluções sociais: o regresso à família, o primado do homem sobre a técnica, o testemunho activo da caridade cristã junto dos mais pobres.

Na esteira de Pai Américo, procuramos ser testemunho, humilde e activo, deste seu modo de pensar e de agir.

Padre João

Malanje

Continuação da página 1

O Ferrão, tractorista, entregou o volante ao Bernardo e foi o fim! Ainda bem que eles não morreram!

Mas a dor pela falta que o tractor nos faz, ficou espelhada nos rostos dos nossos rapazes que têm consciência da Obra e sentem como é dolorosa esta falta...

Se alguns dos rapazes não comungam nem sentem com a Obra, consola-nos o grupo daqueles que sofrem e sentem como seus os bens da Casa.

Ingratidão e inconsciência...

Gratidão e consciência.

Estimarmos todas as coisas da Casa — como se nossas — é uma meta a atingir.

Padre Telmo

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Continuamos à procura da fraternidade

COM o pároco da freguesia dirigimo-nos à aldeia indicada. Encontrámos o que não esperávamos. A habitação, por fora, apesar da sujidade das paredes, não diz o que vai e o que está lá dentro. Batemos à porta, subimos a escadaria muito mal acabada, entre duas paredes quase pretas, e encontramos uma velhinha de noventa anos e muito surda a tomar conta dum neto de dez anos, enroladinho em cima dum sofá-cama só com um pijamita vestido. Não fala, não anda, não faz nada por si, pois sofre de deficiência física e mental. Pareceu-nos um caso para o nosso Calvário.

Percorremos as várias divisões, sem portas capazes. Só a sala de entrada tem janelas para a rua. Tudo em desalinho. Montes de roupa suja por toda a parte. A cozinha é feita a um cantinho e só a conhecemos por uma cavaquita que ainda ardia, sem espaço e sem arrumo de espécie alguma; não tem chaminé nem janela por onde entre a luz; a lareira é mais baixa do que o chão e o degrau serve de banco para todos. A habitação tem a velha telha à vista e está completamente da cor do fumo, com o telhado muito esburacado. Não há cadeiras nem mesas. Um aspecto geral de miséria e de abandono. Retirámo-nos tristes.

Dias depois regressámos ali. À porta estava o pai que, logo que nos viu aproximar, refilou em voz alta: — *Se vêm levar o meu menino eu não o deixo ir. O*

menino é nosso. Não o damos a ninguém. Chamou a esposa. Dissemos que os queríamos ajudar a reparar a casa, dando-lhe outro ambiente, e ajudar a criar o menino. Foi ouvindo e acalmando, não sem levantar dificuldades e apresentar exigências. Acabou por concordar e oferecer as suas possibilidades.

Enquanto o marido planeava as obras com o construtor, fui ouvindo a esposa que nos pareceu muito sensata. Falou da sua doença. É cancerosa e já lhe extraíram um peito. Todos os dias recebe tratamentos no hospital da capital do distrito. O filhinho doente teve um ataque em pequenino e ficou assim. Não pode estar sozinho. A filhinha, já com o sétimo ano e sem perder nenhum, deixou de estudar para cuidar da mãe e do irmãozito. Não sente nenhuma forças e o marido trabalha numa empresa, por favor, devido à sua pouca capacidade.

Acertámos as obras a fazer, que são muitas, e despedimo-nos.

Retomámos a estrada em direcção à igreja da cidade próxima onde encontramos o pároco que tem a seu cuidado mais duas paróquias. Já tinha a carrinha a trabalhar para seguir para outra paróquia. Disse que tem alguns casos com necessidade de reparação de habitações de famílias pobres e



A habitação por fora não diz o que vai lá por dentro

com filhos pequenos e mais nos informou que os Grupos Sócio-Caritativos das paróquias têm estado sempre disponíveis para ajudar. Conta, esperançadamente, com os Grupos.

Já conhecia a acção do Património dos Pobres, mas tem procurado não o sobrecar-

regar. Entende, como afirmava Pai Américo, que cada paróquia tem obrigação de cuidar dos seus Pobres.

Partiu sem perder tempo e regressámos a casa, já noite fora.

Padre Horácio